



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA SAÚDE – CCBS
ESCOLA DE NUTRIÇÃO

Ricardo Jorge dos Santos Alves

A Presença do Feijão-Preto na Música Popular Brasileira - MPB: Uma análise
Sociocultural sob as perspectivas teóricas de Durkheim, Weber e Marx.

RIO DE JANEIRO
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA SAÚDE – CCBS
ESCOLA DE NUTRIÇÃO

Ricardo Jorge dos Santos Alves

A Presença do Feijão-Preto na Música Popular Brasileira - MPB: Uma análise
Sociocultural sob as perspectivas teóricas de Durkheim, Weber e Marx.

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à
Escola de Nutrição da Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial
para obtenção do grau de Bacharelado em
Nutrição.

Orientador: Prof. Dr. Leandro de Martino Mota

RIO DE JANEIRO
2024

Ricardo Jorge dos Santos Alves

A Presença do Feijão-Preto na Música Popular Brasileira - MPB: Uma análise
Sociocultural sob as perspectivas teóricas de Durkheim, Weber e Marx.

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à
Escola de Nutrição da Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial
para obtenção do grau de Bacharelado em
Nutrição.

Data da aprovação: 14 / 08 / 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Leandro de Martino Mota
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Orientador

Profa. Dra. Mariana Leal Rodrigues
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Cláudia Roberta Bocca Santos
Universidade Federal do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

A Deus pela oportunidade que me deu.

A São Jorge por retirar todos os dragões do meu caminho.

À minha querida mãe, meus irmãos e amigos, que sempre me incentivaram a seguir o caminho dos estudos.

Aos colegas de sala por toda paciência comigo.

A todo o corpo técnico e não técnico da Universidade, por todo o suporte ao longo dos anos de curso, que me permitiu cumprir os objetivos institucionais, a fim de apresentar o melhor desempenho no meu processo de formação profissional.

Ao meu orientador e às professoras convidadas para a banca, por me proporcionarem o momento mais incrível da minha vida.

Por fim, a todos aqueles que de maneira direta ou indireta, me ajudaram nessa caminhada.

RESUMO

Este trabalho busca identificar as relações existentes entre o feijão-preto e a música popular brasileira (MPB), no âmbito sociocultural e político brasileiro, evidenciadas em composições musicais da década de 70, ressaltando tanto os aspectos emocionais coletivos, como também os aspectos nutricionais. A metodologia da pesquisa é bibliográfica e descritiva, de abordagem qualitativa, seguindo uma linha de reflexão sociológica e filosófica, do ponto de vista compreensivo dos pensadores como: Durkheim, Weber e Marx, bem como fundamentos em obras literárias específicas, artigos eletrônicos recentes, e trabalhos acadêmicos publicados no site de busca Google Acadêmico, visando compreender a ligação estreita do feijão e o povo brasileiro, em seu aspecto nutricional e emocional coletivo. Os resultados revelaram que, a expressão musical contida nos vocábulos e frases que compõem as letras das canções da MPB da década de 1970 demonstram as ligações entre alimentação e nutrição, e os contextos históricos, culturais e socioeconômicos, carregando consigo, a identidade de grupos, seus desejos, medos, desabaços e conflitos de valores refletidos no cotidiano das minorias, dos trabalhadores, suas expectativas, apreensões, contribuindo para as transformações sociais, econômicas e políticas que ocorreram ao longo dos anos. Concluiu-se que, a presença do feijão-preto na música popular brasileira é capaz de difundir valores, ideias e costumes alimentares, pois o alimento possui uma carga simbólica muito mais eficaz por intermediar as interações sociais entre os indivíduos, resultando em novos papéis sociais e novos relacionamentos entre grupos, estabelecendo elementos identitários (aspectos físicos, culturais e geográficos), colaborando para a formação da identidade alimentar brasileira.

Palavras-chave: Feijão-Preto. Canções da MPB. Fundamentos e Perspectivas teóricas de Durkheim, Weber e Marx.

ABSTRACT

The research methodology is bibliographic and descriptive, with a qualitative approach, following a line of sociological and philosophical reflection, from the comprehensive point of view of thinkers such as: Durkheim, Weber and Marx, as well as foundations in specific literary works, recent electronic articles, and academic works published on the Google Scholar search site, aiming to understand the close connection between beans and the Brazilian people, in their collective nutritional and emotional aspect. The results revealed that the musical expression contained in the words and phrases that make up the lyrics of MPB songs from the 1970s demonstrate the links between food and nutrition, and the historical, cultural and socioeconomic contexts, carrying with them the identity of groups, their desires, fears, outbursts and conflicts of values reflected in the daily lives of minorities, workers, their expectations, apprehensions, contributing to the social, economic and political transformations that have taken place over the years. It was concluded that the presence of black beans in Brazilian popular music is able to spread values, ideas and food customs, as food has a much more effective symbolic load as it mediates social interactions between individuals, resulting in new social roles. and new relationships between groups, establishing identity elements (physical, cultural and geographical aspects), contributing to the formation of the Brazilian food identity.

Keywords: Black bean. MPB songs. Theoretical foundations and perspectives of Durkheim, Weber and Marx.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 7 |
| 2 REVISÃO DE LITERATURA | 9 |
| 2.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE O FEIJÃO-PRETO..... | 9 |
| 2.2 UM ENFOQUE ALIMENTAR: UM POUCO DE SOCIOLOGIA E CULTURA COM DURKHEIM, WEBER E MARX..... | 12 |
| 2.3 A IDENTIDADE ALIMENTAR DO BRASILEIRO NUMA PERSPECTIVA NUTRICIONAL E SOCIOCULTURAL..... | 16 |
| 2.4 A SIMBOLOGIA E A SIGNIFICAÇÃO ATRIBUÍDAS AO CONSUMO DE FEIJÃO NO CONTEXTO DA MPB, EM EVIDÊNCIA NA DÉCADA DE 1970..... | 19 |
| 3 JUSTIFICATIVA | 24 |
| 4 OBJETIVOS | 25 |
| 5 METODOLOGIA | 26 |
| 6 RESULTADOS | 28 |
| 6.1 CONSTRUÇÃO (MPB, 1971) – CHICO BUARQUE..... | 28 |
| 6.2 PAGODE DO VAVÁ (SAMBA, 1972) – PAULINHO DA VIOLA..... | 30 |
| 6.3 SACO DE FEIJÃO (MPB, 1977) – BETH CARVALHO..... | 32 |
| 6.4 FEIJOADA COMPLETA (SAMBA, 1978) – CHICO BUARQUE..... | 33 |
| 6.5 O PRETO QUE SATISFAZ (MPB, 1979) – GONZAGUINHA..... | 34 |
| 6.6 TÔ VOLTANDO (MPB, 1979) – MAURÍCIO TAPAJÓS / PAULO CÉSAR PINHEIRO - INTÉRPRETE SIMONE..... | 36 |
| 7 DISCUSSÃO | 38 |
| 7.1 ANÁLISE SOCIOCULTURAL DAS CANÇÕES SOB AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS DE MARX, DURKHEIM E WEBER..... | 38 |
| 8 CONCLUSÕES | 42 |
| REFERÊNCIAS | 44 |

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso contempla a temática curiosa e intrigante da presença do feijão-preto, alimento tão emblemático, na cultura culinária e musical da sociedade brasileira.

O feijão, especificamente o preto, tem uma grande presença na perspectiva nutricional e emocional coletiva de nossa população. Além disso, está muito relacionado ao povo negro e à cultura africana, se destacando como um importante fenômeno sociocultural no Brasil. Segundo Barbosa (2007), desde o século XVI, o feijão já era apontado como alimento de relevância principal na culinária do dia a dia dos brasileiros pelo viajante francês Jean de Léry e o cronista português Pero de Magalhães Gândavo. No início do século XIX, todos os imigrantes que passaram pelo Brasil também relataram a participação do feijão-preto no prato, tanto dos mais abastados como dos mais pobres.

Como afirmava o historiador Câmara Cascudo, “o feijão é um ente nacional que pode ser degustado, cantado e decantado”. Considerando a mistura das etnias que colaboraram para a formação do povo brasileiro, encontramos as mais diversas variações de canto, dança e instrumentos em sua expressão. Portanto, os sentidos atribuídos à música e à comida, no caso o feijão, no contexto sócio histórico em que esses sentidos são estabelecidos e transmitidos, levantam reflexões para o âmbito da Alimentação e Nutrição, evidenciadas na música popular brasileira (MPB), já que permitem a compreensão de aspectos relacionados à cultura brasileira e sua relação com a saúde.

No panorama musical brasileiro os fenômenos da fome, o consumo de bebidas e de feijão com arroz foi abordado por muitos artistas da MPB no período da Ditadura Militar, fazendo surgir e se consolidar um gênero musical conhecido como “canção de protesto”, tendo como componente principal a crítica estético-cultural, político-ideológica e social com o objetivo de protestar, resistir e se opor ao governo ditador da época (VASCONCELOS *et al.*, 2015).

Tais canções propiciaram a propagação de costumes, valores e conceitos alimentares saudáveis e não saudáveis, colaborando para uma formação de identidade alimentar brasileira, sobretudo em uma ocasião em que grande parte da população brasileira enfrentava a carência no consumo de nutrientes e proteínas suficientes para manter uma boa saúde, e como resultado disso, predominavam as

enfermidades relacionadas à fome e à miséria, como: desnutrição, anemia, bócio endêmico, entre outras (VASCONCELOS *et al.*, 2015).

Neste sentido, a mistura de feijão com arroz passou a ser a mais consumida no País, embora haja inúmeros tipos de pratos preparados com o feijão-preto, como a feijoada, que são bastante apreciados pelo povo brasileiro.

O feijão é considerado um produto com elevada importância econômica e social, desempenhando grandes valores sob o ponto de vista alimentar. Seus grãos representam uma importante fonte proteica na dieta humana dos países em desenvolvimento das regiões tropicais e subtropicais. No Brasil, o feijão é um dos componentes básicos da dieta alimentar, sendo um indicador e marcador de padrões saudáveis de consumo e, 71,9% da população brasileira consome feijão regularmente (PNS 2013- IBGE).

É neste contexto que este trabalho pretende demonstrar como o feijão encontra-se integrado na vida e na cultura da Nação brasileira, ressaltando tanto os aspectos emocionais coletivos, como também os aspectos nutricionais, através da seleção de composições musicais da década de 70 que abordam o feijão-preto, como elemento principal.

Para tal, a pesquisa busca elucidar a seguinte questão norteadora: De que maneira a presença do feijão-preto na música popular brasileira (MPB), é capaz de difundir valores, ideias e costumes alimentares, colaborando para a formação de uma identidade alimentar no Brasil?

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE O FEIJÃO-PRETO

O plantio do feijão é muito remoto, havendo inúmeras teorias a respeito da sua procedência, utilização e produção. Uma delas é de que o feijão teria sido cultivado na Mesoamérica e se espalhado, em seguida, na América do Sul, aproximadamente em 7.000 a.C., onde espécies silvestres foram achadas no México. Em contrapartida, há uma teoria mais antiga, por volta de 10.000 a.C., de que feijões eram plantados na América do Sul (em Guitarrero, no Peru), e transportados para a América do Norte. Há, ainda, relatos de que feijões eram utilizados na política, em votações da Grécia e na Roma antigas (um feijão branco representava *sim*, e um feijão-preto representava *não*). Além de cultuados como símbolo da vida, ou em comemorações gastronômicas, como pagamento de apostas. Ainda em 10.000 a.C. há relatos da presença de feijões na Idade do Bronze, na Suíça, e entre os hebraicos. Nos destroços da antiga Tróia, há indícios de que os feijões eram o alimento preferido dos fortes guerreiros troianos (PORTAL SÃO FRANCISCO, 2021).

Segundo Santos (2004), muitos historiadores atribuem a propagação dos feijões pelo mundo em consequência das grandes batalhas, já que esse alimento era a comida fundamental dos guerreiros em cavalgada. Os grandes exploradores auxiliaram na disseminação do uso e cultivo do feijão nas mais antigas províncias do planeta.

[...] O feijão é uma variedade de sementes do feijoeiro, da família do *fabaceae*, denominado de leguminosas. O feijão comum e o mais consumido no mundo são do gênero *Phaseolus Vulgaris*. Esse gênero engloba cerca de 55 espécies, das quais somente cinco são cultivadas: o feijoeiro simples (*Phaseolusvulgaris*) carioca, preto ou especial; o feijão de lima (*P. lunatus*); o feijão Ayocote (*P. coccineus*); o feijão tepari (*P. acutifolius*); e o *P. polyanthus* (PEREIRA E SOUZA, 1992, p. 1.219).

Ainda conforme Santos (2004), documentos mais recentes, baseados em critérios eletroforéticos¹ de faseolina², indicam a presença de três núcleos principais de variedade genética, tanto para tipos selvagens como familiares: o

¹ Método analítico usado para examinar as macromoléculas como proteínas e ácidos nucléicos.

² Principal proteína do feijoeiro comum, o *Phaseolusvulgaris* L., presente em 50% das sementes.

mesoamericano, que se dissemina do sudeste dos Estados Unidos até o Panamá, tendo como áreas mais evidentes o México e a Guatemala; o sul dos Andes, que compreende o norte do Peru e se estende até o noroeste da Argentina; e o norte dos Andes, que compreende a Colômbia e Venezuela, se espalhado até o norte do Peru. Além desses núcleos principais, podem ser encontrados inúmeros núcleos intermediários em determinadas zonas europeias, asiáticas e africanas, em que foram inseridos materiais genéticos americanos. Portanto, das américas, o feijão se se espalhou pelo mundo e, hoje, encontra-se entre as refeições mais remotas consumidas, desde os primórdios da história do homem.

São inúmeros os tipos de feijão encontrados no mercado, mas o feijão-preto (Figura 1) merece destaque, pois é o favorito, unanimemente, desde o período colonial.

Figura 1 – Feijão-Preto comum (*Phaseolus Vulgaris*).



* Riquíssimo em ferro, ideal para combater a anemia.

Fonte: (SANCHEZ, 2009, s. p.).

De acordo com Cascudo (2007), cabe ressaltar que, em 1540, o feijão foi levado à Europa e o seu plantio acabou com a fome do continente, ampliando a expectativa de vida. No Brasil os índios, aproximadamente no século XVI, nomearam o feijão de “comanda” e o comiam com farinha. Já os portugueses que chegaram ao país, aderiram este alimento e o disseminou por todo o Brasil, desenvolvendo novas preparações, misturando ao feijão preto, orelha, focinho, rabo e linguiça de porco, criando a tão conhecida feijoada, refeição característica da

culinária brasileira. Dizem, ainda, que a feijoada começou a ser preparada nas senzalas, em 1549 com a chegada dos negros africanos escravizados.

A partir do século XVII, o feijão-preto compunha associado à farinha de mandioca o prato cotidiano do brasileiro, alimentando todas as camadas da sociedade, nobres, negros escravizados, religiosos e viajantes, conforme evidenciam os registros de comentaristas do Brasil-Colônia. "*Poderíamos dizer que o binômio feijão-e-farinha estava gerindo o cardápio brasileiro desde a primeira metade do século XVII*" (CASCUDO, 2007).

Carl Seidler, viajante europeu que esteve no Brasil em 1826 disse o seguinte:

[...] O feijão, principalmente o preto, é o prato preferido dos brasileiros; está presente nas mais diferentes mesas, combinado com um pedaço de carne seca ao sol e toucinho a gosto. Não existe refeição sem feijão, só o feijão elimina a fome. É nutritivo e saudável, mas só depois de bastante habituado ao sabor europeu, pois o teor é áspero, desagradável (JORNAL DA GENTE, 2008, s.p.).

Em 1884, Karl von den Steinen também documentou:

[...] O prato preferido dos brasileiros é o reconhecido feijão-preto com carne-seca, tem excelente sabor de comida feita em casa. (...) Adicionam a chamada farinha, independentemente, dos mais distintos pratos. E no começo do século XX, o feijão com farinha era o mais brasileiro dos pratos (JORNAL DA GENTE, 2008, s. p.).

Nas palavras de Cascudo (2007), os europeus achavam estranho o gosto do feijão porque na ocasião estas famosas leguminosas não eram conhecidas e, no Velho Mundo, eram chamadas de favas, lentilhas e ervilhas, que são da família do feijão. No entanto, centenas de anos seguintes, o feijão permanece desfrutando da mesma posição de destaque.

Segundo Santos (2004), a partir do século XIX, o feijão-preto passou a ser considerado, a iguaria preferida da população do Rio de Janeiro; quiçá um legado do período da velha corte do Brasil Império. Ele possui a casca frágil, e é a leguminosa ideal para o preparo da feijoada, e ainda possui um caldo consistente e tenro, que integra perfeitamente os paladares da carne e da abóbora, combinando de forma nutricional, apetitosa e de tonalidades contrastantes. Para o autor, há feijões para todos os paladares e receitas, porém, nenhum povo conseguiu aproveitar tanto o feijão como o brasileiro. No Brasil ele domina completamente, tanto na feijoada, no

tutu à mineira, nos caldos, saladas, nas refeições de condutores de tropas, no acarajé, como acessório para o arroz ou adicionado de carnes ou hortaliças.

[...] O feijão, contém em sua composição carboidratos intrincados, fibras, vitaminas do complexo B (sobretudo tiamina), minerais como potássio, fósforo, magnésio, zinco, ferro não heme, cálcio e pouca quantidade de colesterol e sódio (SPINELLI, 2014, p. 47).

Diante do conteúdo exposto, é possível observar que o feijão seria um elemento integrante da história da alimentação, pois faz o intercâmbio entre: o cultural e o biológico, o social e o econômico, o político e o religioso, científico e tecnológico, as condutas e ações, as simbologias e princípios. A preferência gustativa desse alimento pode ser obtida por meio de um hábito cultural, subordinado à realidade social em que o sujeito está inserido, como, por exemplo, o fato das famílias se sentarem todos juntos à mesa, para consumir um alimento feito em quantidade para que todos possam degustar ao mesmo tempo, reforçando para os componentes mais novos, a necessidade do seu consumo e, mais tarde, o feijão ainda pode ser vinculado às histórias narradas sobre estas ocasiões, adquirindo uma grandeza simbólica, que ultrapassa o comer, fazendo desta iguaria, modelo que vai além de temas referentes aos paladares (RAMOS E LIMA, 2018).

Assim sendo, o tema da identidade alimentar reside no âmago de nossas inquietações quando refletimos sobre o desenvolvimento da sociedade. É evidente que satisfazer as demandas nutricionais é requisito imprescindível para que o ser humano sobreviva. Todavia, as representações do alimento, sobretudo do feijão-preto, precisam ser explicadas socioculturalmente, com base nas teorias de DURKHEIM, WEBER E MARX.

2.2 UM ENFOQUE ALIMENTAR: UM POUCO DE SOCIOLOGIA E CULTURA COM DURKHEIM, WEBER E MARX

Ao abordar a temática do alimento, especificamente o feijão, como um acontecimento social que se manifesta e se estabelece no contexto da sociedade, torna-se fundamental um entendimento prévio do que é a própria sociedade e do que pode ser tratado como social, discorrendo com autores tradicionais e averiguando como estes refletiam e compreendiam a sociedade.

Ao discutir o entendimento da especificidade do que poderia ser denominado de “social” e diante da própria condição de seu componente, a Sociologia sofre frequentemente as interferências da sua conjuntura. Conceitos, valores, ideologias, desordens e emoções presentes nas sociedades transpassam a formação sociológica. Velhas questões como livre-arbítrio, equidade, direitos singulares, desinteresse; não somem, mas adquirem hoje novos sentidos. A Sociologia era, e permanece sendo, uma discussão entre percepções que buscam responder aos conflitos decisivos de cada período. Por basear-se na vida social, não pode, no entanto, estar ela mesma livre de contrassensos (STEFANUTTI, KLAUCK E GREGORY, 2018).

Entender a realidade, e a sociedade que nos rodeia, faz parte da prática do observador, pois o sujeito, de qualquer maneira, sempre procura imaginar certa realidade social.

Neste sentido, os fundamentos de Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber são os alicerces do pensamento ocidental para a compreensão do mundo, sendo capazes de explicar a sociedade, as formas de pensar e abordar a realidade; um através do conflito de classes, outro pela imposição social e outro pelo estudo dos fenômenos e como se manifestam no tempo e no espaço. Melhor dizendo: o econômico, o social e o fenomenológico (CONTRERAS E GRACIA, 2011).

[...] Os estudos de Marx estabelecem, obviamente, a principal fonte das inúmeras maneiras de neomarxismo moderno; os estudos de Durkheim afetaram significativamente, o funcionalismo estrutural contemporâneo; e pelo menos, algumas das mudanças atuais da fenomenologia resultam direta ou indiretamente dos estudos de Weber (STEFANUTTI; KLAUCK; GREGORY, 2018, p. 522).

A perspectiva de mundo do sujeito sofre a influência de um desses três teóricos, mesmo sem saber. Tais concepções são correntes, espontâneas, atravessam as escolas, se estendendo até o limite das paredes da universidade. Embora a contribuição de Marx na interpretação da sociedade a partir do mercado e do capital, e de Weber expandir a importante concepção da rede de significados, é em Durkheim que o sujeito descobre maior suporte teórico em relação à forma de explicar a sociedade. O sociólogo é o primeiro a exteriorizar debates sobre a construção da sociedade por meio do princípio coletivo e repressão social (CONTRERAS E GRACIA, 2011).

Nesta perspectiva, é possível ampliar essas discussões para outros acontecimentos sociais, como a alimentação. Este fenômeno não está afastado, não está na natureza; está na sociedade. Toda conduta social pode e deve ser investigada, porque ela é construída socialmente.

Levando esse discurso para a alimentação, seria como declarar que o poder econômico é o fator que interfere nos hábitos alimentares. Seria também, minimizar ou esconder vários outros aspectos, como: religiosos, físicos, psicológicos, políticos, midiáticos, sociológicos, culturais, científicos e a disponibilidade de tempo e do resultado. No entanto, analisando atentamente, o aspecto econômico não importa tanto, mas sim, a procura por respeito, privilégios, nobreza e glórias, que podem ser conseguidos através do poder político, modo de vida e pela formação social. Ou seja, o que você come vai determinar segundo a teoria de Weber (1982) o seu “status” social.

Nesse ponto ainda transpassa o vínculo entre a seleção do alimento e o sujeito. Em determinados contextos e concepções, parece que o sujeito atua independente da verdade ao seu redor e consome o que tem vontade, sem qualquer ligação com o social. Durkheim contesta o conceito do individualismo, censurando a teoria de que cada um é cada um, e que a sociedade não nos define como sujeitos: os princípios e as emoções que compõem o legado cultural dos componentes de uma sociedade são, ou seja, constroem-se socialmente, e não são o resultado nem o domínio de sujeitos característicos (GIDDENS, 2005).

O homem como sujeito não pode ser movido para elucidar uma sociedade, pois a sociedade, o que está ao seu redor, o influencia. Logo, o sujeito não existe por si mesmo; ele é o que é, pois está na sociedade. Explicando o autor, cada sujeito come uma comida que não inventou ou idealizou.

Assim, nesta perspectiva é possível questionar as opções alimentares, ou também, quando um determinado ingrediente se torna uma escolha de consumo. Para Roberto DaMatta (1986):

[...] temos assim, alimento e temos comida. Comida não é simplesmente um conteúdo alimentar, mas é ainda uma forma, um costume e um hábito de alimentar-se. O modo como se come determina não apenas aquilo que se ingere como também aquele que ingere (DAMATTA, 1986, p. 56).

Portanto, o alimento caracteriza-se como uma matéria bruta; e a comida, seu aprimoramento. Seria o selvagem e o doméstico, o natural e o cultural, o cru e o cozido, o alimento e a comida. Todavia, nem tudo o que alimenta é bom ou admissível socialmente. O feijão-preto, por exemplo, pode ser comida, comível na cultura sul-americana, mas não o é na cultura norte-americana, por uma questão cultural. Assim como a carne de cachorro é comida comestível na China, mas não o é em outras culturas. Contudo, tanto a carne de cachorro, como o feijão-preto, continuam sendo alimentos.

Diante do exposto, é possível observar que a relação entre alimentação e cultura é um fator inerente. Mas, apesar da cultura ter uma concepção sagrada, concreta e fixa, ela é construída, é fluida, é instrumento de domínio, controle, não sendo algo subjetivo.

Desta forma, por mais que haja escolhas subjetivas, a cultura alimentar está fundamentada em uma união social, ou seja, uma representação coletiva que além de parecer adequada para todos os sujeitos que estão inseridos em um grupo, manifesta a exterioridade e a coerção, conforme Durkheim, e que possui sua lógica de mercado de acordo com Marx e que está entrelaçada em redes de simbologias e significados que podem ser interpretados intensamente segundo Weber, isto é, a comida não é apenas o ingrediente propriamente dito. É símbolo, é significado, é o sentido e a reprodução de determinada sociedade que se identifica como tal (GEERTZ, 1989).

Assim, trazendo novamente a reflexão para a alimentação, não se trata de estudar somente o feijão, mas em que processo foi inserido em solo nacional e na mesa dos que aqui habitavam; como este se tornou uma opção alimentar; uma comida símbolo da cozinha brasileira e por quem é considerado como tal. Trata-se de uma perspectiva que ultrapassa o ingrediente, com suas qualidades nutricionais e funcionais. Contemplando-o como um componente cultural, social, econômico, político, associado às suas representações e símbolos que pode adquirir durante determinado momento e espaço.

Baseando-se em argumentos e pressupostos sobre sociedade na perspectiva nutricional e sociocultural, introduz-se o próximo subitem desta monografia, abordando a identidade alimentar do brasileiro.

2.3 A IDENTIDADE ALIMENTAR DO BRASILEIRO NUMA PERSPECTIVA NUTRICIONAL E SOCIOCULTURAL

Numa perspectiva sociológica, informações associadas sobre cultivo, fabricação e consumo de alimentos, raramente descrevem sobre o que, realmente, uma sociedade “come”. O motivo disso é uma diferenciação cultural que existe entre aquilo que se come e a alimentação em si, que não se faz quando se trata do assunto, na visão financeira ou nutricional. Ninguém come da mesma maneira. Come-se feijão preto com muito ou pouco caldo, com farofa ou arroz; come-se carne frita ou assada; come-se pão francês ou de forma; cenoura cozida ou crua, na salada, temperada ou não, entre outras diversas e ilimitadas maneiras (PACHECO *apud* Oliveira, 2008).

A ingestão dos alimentos é sempre feita de modo socioculturalizado. Isso constitui que os alimentos são normalmente manuseados e montados com certos processos de cozimento, oferecidos de uma maneira peculiar e deglutidos em horários e situações específicas, junto com um grupo de pessoas ou de forma individual. As tradições alimentares envolvem o conhecimento sobre o alimento e os costumes relacionados a ele e não à categoria de nutrientes ingeridos por um povo. Além disso, comida expressa o que, de que modo, em que momento, com quem, onde os alimentos escolhidos por uma determinada comunidade humana são deglutidos. Deste modo, pode-se considerar comida qualquer ação de transformar o alimento; reunião de nutrientes indispensáveis à concepção física da raça humana; naquilo que se ingere de uma maneira característica; tudo que se gosta ou não se gosta e que é um fator fundamental da representação social de qualquer grupo de pessoas, ou seja, são as alternativas e negações alimentares que, provavelmente diferenciam as sociedades humanas, sendo estabelecidas pela cultura: o homem se alimenta conforme a sociedade na qual está inserido (BARBOSA, 2007).

Para Garcia e Fernandes (2009), a natureza simbólica do comer é revelada de forma muito evidente quando convidamos qualquer pessoa para comer em nossa casa. O mero acontecimento de almoçar fora, ou até o conhecido almoço de domingo, certamente não traduz a ação de alimentar indivíduos em matéria de preencher suas carências nutricionais, mas a de alimentar refletindo relações sociais.

No Brasil, a prática alimentar é formada por três ou quatro refeições diárias: café da manhã, almoço, lanche da tarde, jantar ou lanche da noite (famosa ceia no passado). E tais refeições diárias conforme Barbosa (2007) são constituídas de três maneiras: categoria das refeições semanais, do final de semana e a categoria de cerimonial/formal. A subcategoria cerimonial classifica-se em: a coletiva, que abrange as comemorações que compreendem a sociedade como Dia das Mães, Ano Novo, Natal, Páscoa, Dia dos Pais, entre outras; e a íntima/familiar, pertinente às celebrações familiares ou pessoais como aniversários, casamentos, colação de grau e bodas, entre outras.

Ainda segundo a autora, essas subcategorias distinguem-se, mutuamente, através de valores e padrões usados para escolher o “menu”, por meio do sentido respectivo conferido às refeições ligadas pelo tipo e nível de preparação do prato, pelo nível de “etiquetas” à mesa, pelos sujeitos sociais implicados e pelo modelo de sociabilidade dominante em cada uma das refeições.

[...] o acesso aos alimentos, as formas alimentares, as crenças e os costumes são permeados de verdades, como registros significativos da cultura e podem ser explicados, pois o sujeito precisa de representações para compreender sua realidade social, seu suporte material, sentir-se num mundo compartilhado e se identificar como sujeito na formação de sua própria realidade. Mesmo que se conservem aspectos singulares num tempo e num espaço determinado, a tradição alimentar terá sempre um significado (AZEVEDO, 2017, p. 298).

Neste sentido, de acordo com Freitas, Minayo e Fontes (2011), é possível afirmar que o hábito alimentar equivale a uma ação que se relaciona aos costumes determinados de acordo com a tradição e que cruzam gerações, com as condições verdadeiras de obtenção dos alimentos e com uma sociabilidade estabelecida tanto no espaço familiar e coletivo como partilhada e atualizada por outros campos da vida social. Ao ingerir iguarias preparadas de forma característica/simbólica, o sujeito não só supre a própria sobrevivência, mas se sente resguardado em seus costumes, confirmando sua identidade social. Deste modo, o hábito alimentar é uma narrativa sobre a cultura registrada nos representações do dia a dia, explicado por meio da língua, das condutas e atos, que se manifestam em rituais, lendas, valores, preconceitos e credibilidades.

Segundo Azevedo (2017), qualquer cultura tem seu alimento básico, sua culinária e sua essência; tem cerimônias ou reuniões, onde acontece a interação

social; considerando mais uns ingredientes que outros; toda cultura dá origem a convicções em relação à importância dos alimentos, sobretudo o campo de nutrição colabora para isso, modificando sua própria concepção sobre certos itens alimentícios a partir das novas descobertas científicas; e toda cultura tem seus temores quanto a determinados alimentos.

No caso do Brasil, a combinação de feijão com arroz compõe o alimento principal, uma mistura claramente enriquecida com componentes nutricionais, em que o consumo alcança a maioria da população, até nas classes menos abastadas, com suas limitações financeiras, vez ou outra se percebe consumo deste binômio, mesmo de forma reduzida; tendo em vista que, os anúncios da indústria de alimentos divulgam e vendem outros itens mais em conta. Todavia, no nosso país, a grande variedade de solos e climas, associados às culinárias portuguesas, indígenas e africanas, mesclaram e se incorporaram aos ingredientes da terra, influenciando no cardápio brasileiro, com suas culturas locais e oferta de alimentos (CHAVES E ANHESINI, 2014).

Neste sentido, a identidade alimentar do povo brasileiro se caracteriza num processo visível que agrega tanto os alimentos como os seus significados. É repleta de trocas simbólicas, que compreendem uma riqueza de conhecimentos e combinações capazes de traduzir e materializar a posição de um sujeito social em suas interações diárias com o meio em que vive.

Atualmente, há a presença clara de hábitos alimentares compartilhados e socialmente admitidos pela população brasileira urbana, que se reconstrói e admite novas sugestões de alimentos, mas sempre conservando seus valores histórico-culturais e funções sociais. Cabe enfatizar que, esses novos gostos e as novas composições são criados pelas necessidades de adequação do corpo ao mundo moderno e são recomendados pela indústria alimentícia que não para de disseminar produtos que tentam auxiliar na vida doméstica ou supri-la. Também é preciso considerar que, tanto o conteúdo das refeições, como as atitudes em relação a elas, é influenciado pelo poder aquisitivo, gêneros, localidades, religiões e faixas etárias (AZEVEDO, 2017).

Enfim, o ato de se alimentar associa tanto a satisfação das necessidades do corpo quanto à consolidação de uma forma de unir pessoas e tradições, representando assim, a demonstração da organização social, o mecanismo simbólico dos costumes, o registro da forma de refletir em qualquer sociedade.

Comendo, carregamos a simbologia de nossas afeições, portanto, o reconhecimento de nossa própria história.

2.4 A SIMBOLOGIA E A SIGNIFICAÇÃO ATRIBUÍDAS AO CONSUMO DE FEIJÃO NO CONTEXTO DA MPB, EM EVIDÊNCIA NA DÉCADA DE 1970

Existe uma igualdade de opiniões entre alguns autores da literatura de que não há música sem comida e bebida. A sensação de bem-estar da música e dos paladares se mistura nos ambientes em que as festividades estão presentes (PINA, 2014; FONTENELLE, 2013; FARIA, 2009). A própria formação histórica e cultural brasileira foi construída em torno da comida e da música, confirmando um sentido de pertencimento a um determinado grupo carregado de simbolismo e lembranças individuais, dentre eles o “degustar”, derramado nas mesas e nas letras de canções, no decorrer dos séculos.

[...] No século XX, a música se consolida no Brasil e por ele chamado de: “o século da canção” revelando a necessidade de manifestar experiências do dia a dia, ideias, emoções, anseios, vinculados ao afeto e aos amores, à crítica social, entre outros sentimentos (FARIA, 2009, p. 127).

A partir de então, o Brasil passa por um fervor musical jamais visto antes, com um “panelão” de movimentos como: Bossa Nova, Jovem Guarda, Tropicalismo, Modinha, Choro e Samba. Os grandes eventos de música brasileira manifestavam grandes emoções no público, com vaias e aclamações calorosas. Entretanto, nos revolucionários e agitados anos de 1960 e 1970, cantar virou uma ação arriscada, já que a repreensão imprimia a sua marca sobre aqueles que se rebelavam em oposição ao regime de governo autoritário (FARIA, 2009).

Ainda segundo Faria (2009), desse “panelão” melodioso, surgiu a Música Popular Brasileira (MPB), abreviatura que se revela em uma música popular basicamente polivalente e socialmente declarada como “de qualidade”, que na década de 1970 ficou conhecida como “canção de protesto”, na luta contra a Ditadura Militar, tendo como principais aspectos o julgamento estético-cultural, político-ideológico e social, nos quais muitas delas evidenciavam o consumo do feijão preto como principal alimento e nutrição do povo brasileiro.

A história da MPB teve início em meados da década de 1960 e se estendeu até 1985, durante a Ditadura Militar no Brasil, quando um grupo de artistas buscava

resgatar os ritmos e origens culturais brasileiras vindos de várias regiões. Nesse cenário, surgiram grandes compositores como: Caetano Veloso, Chico Buarque, Edu Lobo, Geraldo Vandré, Gilberto Gil, Gonzaguinha, Ivan Lins, Milton Nascimento, entre outros (PINA, 2014).

O Quadro 1 mostra o contexto histórico da MPB.

Quadro 1: Contexto da MPB

| MPB  | |
|--|--|
| Origens estilísticas | Bossa Nova, Tropicália Jovem Guarda, Tropicalismo, Modinha, Choro e Samba; |
| Contexto cultural | Meados dos anos de 1960 – Rio de Janeiro, Brasil; |
| Período histórico | Golpe de 1964 – Ditadura Militar; |
| Contexto socioeconômico | Cultura de consumo – exploração social e do trabalho. |

Fonte: Adaptado de: <<http://memoriasdaditadura.org.br/musica-brasil-da-ditadura/>>.

No âmbito nutricional, este também foi um período da história, em que grande parte do povo brasileiro, nas cinco regiões brasileiras, sofria com a pobreza e a fome, apresentando carência nutricional diante da falta do consumo de alimentos mais calóricos e proteicos.

[...] As incoerências da fase do milagre econômico brasileiro (1968-1974), tais como o aumento dos índices de desemprego, o aperto salarial, o avanço da inflação, a centralização da renda e da terra, as altas taxas de mortalidade infantil, de enfermidades, de fome, de desnutrição, de deficiência de crescimento e outras carências nutricionais, foram totalmente noticiadas na imprensa nacional e internacional, apesar da meticulosa censura nos veículos de comunicação (VASCONCELOS *et al.*, 2015, p. 727).

Neste momento, várias canções brasileiras começaram a enaltecer a importância do consumo do feijão como um dos alimentos essenciais que faziam parte do modelo alimentar do Brasil. Algumas relatam o cotidiano dos trabalhadores

brasileiros em menção ao consumo de feijão no almoço, o que pode representar tanto a presença de um hábito alimentar entediante, como significar as origens histórico-culturais dos costumes alimentares do povo. Outras mostram o consumo diário do feijão com arroz como único alimento existente.

[...] Com relação à função política e social da MPB é possível afirmar que esta teve alguma influência na amplitude de conceitos e valores da resistência civil, permitindo adentrar o segredo dos arranjos poéticos no roda do medo formado pela coerção, diríamos que as canções influenciaram de certo modo, na propagação do hábito de consumo do brasileiro (VASCONCELOS, *et al.*, 2015, p. 733).

Neste sentido, ainda conforme Vasconcelos *et al.*, (2015), as canções mostravam que os artistas da MPB fizeram uma investigação alimentar bem minuciosa dos costumes alimentares do povo brasileiro, indicando o feijão e a mistura feijão com arroz como comidas do dia a dia alimentar e a feijoada como uma iguaria incomum, dos dias de comemorações, de finais de semana, feriados ou de reunião com os amigos. O sentimento percebido é de que cantar sobre feijão, feijão com arroz e feijoada criou uma “tendência” na música popular brasileira dos anos de 1970.

A música popular brasileira (MPB) pode ser considerada uma das mais importantes expressões culturais do país, refletindo o dia a dia do povo, dos trabalhadores, suas perspectivas e preocupações e as mudanças sociais, econômicas e políticas que aconteceram no decorrer dos anos (PINA, 2014). Além disso, a música também deixa evidente a natureza de ligação nas confraternizações entre amigos, com comida em abundância, ou seja, construindo significativas expressões culturais.

Segundo Faria (2009, p.190) "os artistas, por terem um entendimento altamente realçado pelo coração absorve, intuitivamente, as situações e acontecimentos presentes no imaginário coletivo de um público e atua sobre eles, tornando-os obra de arte".

Uma prova forte da relação entre a música e o feijão, encontra-se no samba. Este fato se torna claro ao escutarmos as letras de canções que trazem esse tema. As rodas de samba e o carnaval são ambientes em que existe a forte presença das práticas alimentares, bebida farta e música boa. Juntando música e comida típicas

brasileiras, muitas Escolas de Samba no Rio de Janeiro enchem suas quadras com admiradores do samba e da feijoada.

Fenômeno igual ocorre no dia 23 de abril, especialmente no Estado do Rio de Janeiro, onde se trata de um feriado em comemoração ao Santo Guerreiro, diversas comunidades tanto as mais requintadas quanto as mais humildes promovem a já famosa e tradicional “Feijoada de São Jorge” que promove a união e a comunhão de todos que participam. A Lei n ° 6.647 de 19 de dezembro de 2013 considera como patrimônio imaterial do Estado do Rio de Janeiro a feijoada carioca.

Conforme Gachet (2016), o samba e o feijão/feijoada integram a cultura brasileira e, como modelos representativos são compartilhados dentro de uma determinada conjuntura sócio histórica; ainda podem ser considerados um bem cultural, por pertencerem ao paladar alcançado pelos sujeitos durante seu percurso de vida. Do mesmo modo que são características que determinam a identidade cultural de um povo.

Algumas pesquisas de Cascudo (2007) têm buscado voltar às raízes históricas, socioculturais e emblemáticas do consumo do feijão, da combinação feijão com arroz e da feijoada à brasileira. Muitas dessas análises revelam os primeiros indícios da feijoada como representação da cozinha brasileira, a comida tipicamente nacional, resumo da identidade alimentar do Brasil.

O feijão/feijoada, desde a metade do século XIX, foi tido como uma comida tradicionalmente brasileira, embora várias contradições sobre a sua procedência e de ter sido alvo de muita discriminação. Todavia, esta iguaria voltou a se destacar depois da sua inserção nas comemorações pré-carnavalescas, traduzindo um comportamento de valorização de símbolos nacionais (VASCONCELOS *et al.*, 2015).

[...] Os hábitos alimentares estão carregados de modelos simbólicos, que podem ser analisados a partir das perspectivas descritivas e simbólicas da cultura. Enquanto o conceito descritivo está ligado ao complexo de crenças, padrões, tradições, condutas e atitudes existentes dentro de um grupo ou durante uma fase histórica, a perspectiva simbólica se refere às representações dos acontecimentos culturais e como elas são estabelecidas, propagadas e assimiladas pelos sujeitos (THOMPSON, 2011, p. 180).

Nesta perspectiva, a expressão musical carrega a identidade de uma sociedade. Nos anos de 1970, quando se constituíam várias mudanças políticas,

quando muitos campos estabeleciam regras contra a liberdade de expressão e produção artística e cultural, as canções carregavam os desejos e as insatisfações grupos sociais distintos. A produção cultural *canção* foi usada como espaço de reconhecimento de pequenos grupos e de representação de conduta. Assim, os produtos de consumo, como por exemplo, o feijão, pode ser relacionado a símbolos ideológicos, adquirindo ainda determinada importância, transformando-se em elemento de identificação social (formas de condutas, atitudes, valores, convicções e interações).

Enfim, a MPB como manifestação artística, reflete o registro histórico de uma vivência; de uma fase, de um grupo de pertencimento; o uso da palavra feijão nas canções proporciona aspectos de como os acontecimentos socioculturais foram percebidos, compreendidos e alcançaram significados para uma parte da população, começando com a sua construção e reprodução (seu cantar).

3 JUSTIFICATIVA

Essa pesquisa se justifica, pois música popular e comida são aspectos característicos da construção étnica da população brasileira, tão ampla e diversificada, diante das influências sofridas pelas tradições culturais dos povos indígenas, africanos, portugueses, espanhóis, e de tantos outros que aqui chegaram e colonizaram o Brasil.

O feijão-preto, neste sentido, como fonte importante de proteínas na dieta do brasileiro, sempre esteve presente em todos os segmentos sociais, ultrapassando o seu papel de cuidar do bom funcionamento do corpo humano, passando a preservar e propagar as culturas de grupo e individuais; não tendo como ignorar a sua importância sociocultural e política; sendo considerado como um componente nacional personificado, que participa de várias manifestações festivas, no qual é cantado em verso e prosa, sobretudo na MPB, sendo capaz de unir pessoas para degustá-lo e cantá-lo. Portanto, pretende-se aqui analisar os significados atribuídos ao feijão preto no contexto da MPB, reconhecendo e descrevendo os fundamentos sociais, históricos, econômicas e de saúde, integrados na vida e na cultura alimentar do povo brasileiro.

4 OBJETIVOS

a) Geral

Identificar as relações existentes entre o feijão-preto e a música popular brasileira (MPB), no âmbito sociocultural e político brasileiro, evidenciadas em composições musicais da década de 70.

b) Específicos

- Apresentar um breve histórico sobre a trajetória do feijão-preto no Brasil;
- Descrever a identidade alimentar do brasileiro numa perspectiva nutricional e sociocultural;
- Identificar a simbologia e significação atribuídas ao consumo de feijão-preto no contexto da MPB;
- Analisar canções com as temáticas do binômio feijão-preto ou feijoada na MPB em evidência na década de 1970, sob as perspectivas teóricas dos sociólogos e filósofos como Durkheim, Weber e Marx.

5 METODOLOGIA

Quanto à tipologia, a pesquisa é mista: bibliográfica e descritiva. Segundo Gil (2008), bibliográfica, por se desenvolver por meio de um estudo sistematizado com base em material publicado, caracterizando como instrumento analítico. E descritiva, porque visa gerar dados e informações sobre as relações no contexto sociocultural e político do binômio feijão-preto e música popular brasileira.

Quanto à abordagem do problema, a pesquisa é qualitativa, pois avalia a presença do feijão preto na música popular brasileira (MPB), na difusão de valores, ideias e costumes alimentares, colaborando para a formação de uma identidade alimentar no Brasil.

Como instrumento de coleta de dados, foi realizada uma busca em acervo digital musical da Biblioteca Nacional, do Instituto Moreira Sales, entre outros, através da ferramenta Google Acadêmico, por canções da MPB que possuem trechos inseridos no contexto do tema e que tenham o feijão como objeto, onde alguns autores mostram que se alimentar é uma ação social do tipo afetiva e que comer não é um ato solitário, e que existe solidariedade entre os homens.

O embasamento teórico segue uma linha de reflexão sociológica e filosófica, do ponto de vista dos pensadores como: Durkheim, Weber e Marx, bem como fundamentos em obras literárias específicas, artigos eletrônicos recentes, e trabalhos acadêmicos publicados visando compreender a ligação estreita do feijão e o povo brasileiro, em seu aspecto nutricional e emocional coletivo.

Assim, considera-se que a pesquisa não se prenderá em um referencial teórico, mas sim em uma revisão literária, dada a riqueza das informações nesta contidas.

Para um melhor entendimento dos assuntos pesquisados o estudo divide-se em quatro etapas, da seguinte forma:

Na primeira etapa, serão abordados os aspectos introdutórios, indicando o que será desenvolvido no trabalho;

A segunda etapa será destinada à revisão de literatura, apresentando trabalhos científicos disponíveis que dão embasamento teórico e metodológico ao desenvolvimento do trabalho;

Em um terceiro momento, serão apresentados e descritos os resultados alcançados no trabalho;

Na quarta etapa os resultados serão discutidos, com base nas análises da literatura;

Por fim, serão apresentadas as conclusões do autor, conforme o título e objetivo geral do trabalho.

6 RESULTADOS

Após a busca e leitura minuciosa de algumas canções datadas da década de 1970, foram escolhidas 6 (seis) canções potenciais do período de 1971 a 1979, que abordam a temática feijão-preto ou feijoada, e analisadas através de comparações e explicações, que dialogam com a literatura, para posterior discussão.

Os resultados alcançados com o trabalho são apresentados e descritos a seguir.

6.1 CONSTRUÇÃO (MPB, 1971) – CHICO BUARQUE

A música *Construção* foi composta por de Chico Buarque em 1971, quando o cantor volta ao Brasil após longo tempo exilado na Itália. A canção se refere às transformações ocorridas nos vínculos trabalhistas no Brasil implantado pela Ditadura Militar. A canção aborda as rotinas vividas pelo operário da construção civil, mostrando diferentes pontos de vista. Primeiro, o trabalhador, alienado, não tem noção de que trabalha mecanicamente, apenas para desempenhar ações, ou seja, não tem noção de classe e de que é explorado. Em um segundo momento, a canção revela o entendimento de classe que ele ocupa e, por fim, revela a questão do poder da alta classe mediana e pequena burguesia.

Construção (1971)

“Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido

Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima

Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música

E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

como se fosse o último

(Beijou sua mulher) como se fosse a única
(E cada filho seu) como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado

Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego

Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo
E tropeçou no céu como se ouvisse música

E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago
Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro

E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contramão atrapalhando o sábado

Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir
Deus lhe pague

Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir
Pela fumaça, desgraça que a gente tem que tossir
Pelos andaimes pingentes que a gente tem que cair
Deus lhe pague

Pela mulher carpinteira pra nos louvar e cuspir
E pelas moscas bicheiras a nos beijar e cobrir
E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir
Deus lhe pague”.

Composição: Chico Buarque.

Acompanhando a narrativa, é possível observar na sétima estrofe o consumo cotidiano da “mistura feijão com arroz” representando o prato principal ou exclusivo do almoço: “Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe... / comeu feijão com arroz como se fosse o máximo”. O feijão nesse contexto tem um papel social, econômico e político. Social, pois expressa a relação de classe da época, onde o salário só dava para comprar o básico, não satisfazendo plenamente suas demais necessidades (lazer, educação e etc.). O homem trabalha para comprar o “arroz com

feijão” de cada dia. Ele valoriza a família e dos filhos. Econômico, diante do salário que só dá para comprar o básico “o feijão”. Político, diante da questão do regime de trabalho da classe operária, das condições precárias de trabalho e da exploração do trabalhador, que pode ser compreendido através do conceito de classe de Karl Marx. Assim, é possível confirmar que o feijão marca a identidade alimentar do brasileiro.

6.2 PAGODE DO VAVÁ (SAMBA, 1972) – PAULINHO DA VIOLA

O samba, o jazz, a bossa nova, o sertanejo de raiz, a moda de viola, o baião nordestino, o rock, entre outros ritmos, fazem parte do Movimento MPB. Cabe enfatizar que o samba também foi muito influenciado pela cultura das diversas etnias que formam o povo brasileiro. Assim como na música, essa mistura também se faz presente nos demais elementos do dia a dia dos brasileiros, como a comida e a culinária do país, também foram formadas por essa combinação de costumes alimentares europeus, indígenas e africanos (CASCUDO, 2007).

Nesse contexto, o samba e o feijão participam da cultura brasileira e, enquanto construções simbólicas são propagadas dentro de uma conjuntura sociocultural. Por isso, a íntima relação entre a comida e o samba pode ser observada em algumas letras musicais do Movimento MPB. Um exemplo disso é o samba “No Pagode do Vavá”, cantado e composto por Paulinho da Viola em 1972:

No Pagode do Vavá (1972)

“Domingo, lá na casa do Vavá
Teve um tremendo pagode
Que você não pode imaginar
Provei do famoso feijão da Vicentina
Só quem é da Portela é que sabe
Que a coisa é divina

Tinha gente de todo lugar
No pagode do Vavá

Nego tirava o sapato, ficava à vontade
Comia com a mão
Uma batida gostosa que tinha o nome
De doce ilusão
Vi muita nega bonita
Fazer partideiro ficar esquecido
Mas apesar do ciúme
Nenhuma mulher ficou sem o marido

Um assovio de bala
Cortou o espaço e ninguém machucou
Muito malandro corria
Quando Elton Medeiros chegou

Minha gente não fique apressada
Que não há motivo pra ter correria
Foi um nego que fez 13 pontos
E ficou maluco de tanta alegria”.

Composição: Paulinho da Viola.

Nessa composição, Paulinho da Viola incita o paladar e ouvidos das pessoas que não fazem parte da Portela e não sabem que “o elemento divino” (o feijão da Vicentina) é famoso por ser a grande razão e presença na festa. O feijão aqui tem uma característica cultural, nos levando às tradições africanas nas quais o alimento ultrapassa seu papel de manter o funcionamento do organismo, preservando e propagando os costumes e memórias de um povo, tanto coletivas quanto individuais, segundo Fontenelle (2013). Social, pois evidencia a condição de união de determinado grupo nas reuniões entre amigos, com comida em abundância, juntamente com a bebida, estupidamente gelada e a aguardente, representando uma maneira de interagir socialmente (GACHET, 2016). O grupo em questão é o da Escola de Samba Portela.

Destaca-se ainda, a figura da mulher nos vocábulos “cozinheira”, que prepara o alimento e “vi muita nega bonita”, o que não pode faltar no samba. Assim, pode-se afirmar que as práticas alimentares determinam a construção identitária de uma sociedade, que pode ser interpretada através do conceito de status social de Weber.

Para o sociólogo, a concepção de status social refere-se ao nível ocupado por cada grupo na hierarquia social. Geralmente, o que distingue, também promove uma condição de classe, benefício social, financeiro, político e legal que acabam influenciando-se entre si. Pode ainda estar ligado a elementos históricos e culturais. Quanto maior for adaptabilidade à mudança de estado social, maior será a probabilidade de que se criem aspectos de variedade e flexibilidade social (BOURDIEU, 2013). Portanto, o conceito de status social procura estabelecer uma posição na composição social de uma determinada sociedade, um sujeito ou família.

Max Weber utilizou a expressão para avaliar a reputação, o domínio, respeito e pertencimento social. Para ele, a sociedade estamental é repartida em grupos de status, que são definidos pela integridade de seus membros, que executam e ditam regras, modos de vida para os outros membros. O sociólogo usa como modelo a

sociedade feudal europeia (Nobreza, Igreja, Senhores Feudais, Súditos, Cavaleiros, Servos, Camponeses) para exemplificar o conceito. Às categorias mais abastadas, como a nobreza, além do domínio dos valores culturais, eram conferidas também as melhores chances, vantagens e privilégios, negados a quem não fizesse parte dela (WEBER, 1982).

A condição social compreendia prestígio, posse, costumes culturais requintados, estirpe, pertencimento social, valores, obediência. Tais atributos qualificavam as pessoas e determinando suas relações.

6.3 SACO DE FEIJÃO (MPB, 1977) – BETH CARVALHO

A canção “Saco de feijão” composta em 1977, por Beth Carvalho reflete perfeitamente o resultado cruel da inflação, limitando o poder de compra da população, isto é, a capacidade de consumo do povo em uma época em que a inflação estava elevadíssima, desvalorizando o salário do trabalhador. Retrata a falta de recursos para a família viver, apesar de muito trabalhar.

Saco de Feijão (1977)

Meu Deus, mas para que tanto dinheiro
 Dinheiro só pra gastar
 Que saudade tenho do tempo de outrora
 Que vida que eu levo agora
 Já me sinto esgotado
 E cansado de penar, meu Deus
 Sem haver solução
 De que me serve um saco cheio de dinheiro
 Pra comprar um quilo de feijão
 Me diga gente
 De que me serve um saco cheio de dinheiro
 Pra comprar um quilo de feijão
 No tempo dos “derréis” e do vintém
 Se vivia muito bem, sem haver reclamação
 Eu ia no armazém do seu Manoel com um tostão
 Trazia um quilo de feijão
 Depois que inventaram o tal cruzeiro
 Eu trago um embrulhinho na mão
 E deixo um saco de dinheiro
 Ai, ai, meu Deus

Composição: Francisco Santana (1977) - Intérprete: Beth Carvalho.

Observa-se que na época era preciso muito dinheiro para comprar apenas um quilo de feijão. Isso fica bem claro nas palavras: “De que me serve um saco cheio de

dinheiro, Pra comprar um quilo de feijão”. Conforme Vasconcelos *et al.*, (2015) o país passava um período de intensa recessão econômica que desgastou a força política, causando grandes movimentos dos grupos populares e os compositores da MPB também participaram desses movimentos, refletindo nas suas canções, a rotina do povo, dos trabalhadores, suas perspectivas e inquietações.

Dentro desse cenário, o feijão teria um grande apelo social, cultural e sobretudo, nutricional, uma vez que era o único alimento nutritivo, com importante fonte de fibras, de baixo custo e acessível a todas as classes sociais, que não podia faltar na mesa do trabalhador, constituindo a base da dieta do brasileiro, reforçando sua identificação com esta iguaria.

6.4 FEIJOADA COMPLETA (SAMBA, 1978) – CHICO BUARQUE

De acordo com Carlos (2008), em 1978, foi instituído o Comitê Brasileiro pela Anistia, incorporando várias instituições da sociedade civil e, nessa ocasião, Chico Buarque lançou a canção “Feijoada completa”, explicando como fazer o prato mais clássico da culinária brasileira moderna para receber os exilados políticos da Ditadura Militar (1964-1985).

A canção de Chico Buarque fala sobre um pedido que ele faz à “mulher” (esposa) para que cozinhe uma feijoada completa para seus amigos que estão chegando para o almoço. Ele pede para que ela compre fiado no mercado, frite os torresmos, prepare a carne seca, a laranja, a farofa, a couve à mineira, coloque mais água no feijão e ponha a cerveja no gelo.

Esta canção de 1978 nos leva às clássicas e divertidas feijoadas de domingo onde se encontra comida e bebida à vontade, bem como a presença de amigos. Aquela tradicional feijoada farta e deliciosa da qual se sente o cheio de longe é o prato principal.

Feijoada Completa (1978)

“Mulher, você vai gostar
 Tô levando uns amigos pra conversar
 Eles vão com uma fome
 Que nem me contem
 Eles vão com uma sede de anteontem
 Salta a cerveja estupidamente
 Gelada pr’um batalhão
 E vamos botar água no feijão

Mulher, não vá se afobar
 Não tem que pôr a mesa, nem dá lugar
 Ponha os pratos no chão e o chão tá posto
 E prepare as linguiças pro tira gosto
 Uca, açúcar, cumbuca de gelo, limão
 E vamos botar água no feijão

Mulher, você vai fritar
 Um montão de torresmo pra acompanhar
 Arroz branco, farofa e a malagueta
 A laranja-Bahia ou da seleta
 Joga o paio, carne seca
 Toucinho no caldeirão
 E vamos botar água no feijão

Mulher, depois de salgar
 Faça um bom refogado
 Que é pra engrossar
 Aproveite a gordura da frigideira
 Pra melhor temperar a couve mineira
 Diz que tá dura, pendura
 A fatura no nosso irmão
 E vamos botar água no feijão”.

Composição: Chico Buarque.

Observa-se que a letra desta composição descreve a comida e a bebida como uma forma de interação social, ligada a um momento de convivência entre amigos, onde não existem formalidades, e todos podem participar se acomodando como podem, para dividir o alimento.

Dado o contexto da produção de Chico Buarque, é possível notar que o feijão é a “estrela principal” da festa, integra a cultura brasileira e, como modelo representativo, é compartilhado dentro de determinada conjuntura sócio histórica, no caso, a Anistia Política.

O feijão, nesse sentido, segundo Stefanutti; Klauck e Gregory (2018) reflete o registro histórico de uma vivência, de um grupo de pertencimento, adquirindo um símbolo ideológico, assumindo ainda determinada importância, transformando-se em elemento de identificação social.

6.5 O PRETO QUE SATISFAZ (MPB, 1979) – GONZAGUINHA

Em “O preto que satisfaz”, Gonzaguinha convoca o papai, a mamãe, o filhinho e a filhinha para saborearem o ilustre feijão brasileiro, em atmosfera de celebração. Esta composição, feita em 1979 faz um tributo legítimo ao feijão, uma das iguarias

preferidas dos brasileiros, e ainda o juntando com o arroz, o pão, a farinha e o macarrão.

O Preto que Satisfaz (1979)

“Dez entre dez brasileiros preferem feijão
 esse sabor bem Brasil
 verdadeiro fator de união da família
 esse sabor de aventura
 famoso Pretão Maravilha
 faz mais feliz a mamãe, o papai
 o filhinho e a filha

Dez entre dez brasileiros elegem feijão!
 Puro, com pão, com arroz
 com farinha ou macarrão
 macarrão, macarrão!

E nessas horas que esquecem dos seus preconceitos
 gritam que esse crioulo
 é um velho amigo do peito
 Feijão tem gosto de festa
 é melhor e mal não faz
 ontem, hoje, sempre
 feijão, feijão, feijão
 o preto que satisfaz!...”

Composição: Gonzaguinha.

Observa-se que a letra remete à união que se faz entre as pessoas na hora de contemplarem o feijão-preto, o “famoso pretão maravilha”. A música começa relatando a unanimidade que há entre os brasileiros quanto à preferência ao feijão “Dez entre dez brasileiros preferem feijão”. Logo depois, aborda a brasilidade do feijão e de sua habilidade de reunir ao redor de si, a família. Além disso, a letra atribui qualidades positivas, elogiando o feijão-preto e comentando que ele tem “sabor de aventura” e “gosto de festa”, fazendo com que todos da família se sintam felizes (papai, mamãe, filho e filha) ao comerem feijão-preto, que é polivalente e pode ser comido puro ou misturado com outros alimentos. O feijão-preto satisfaz e pode sempre satisfazer os brasileiros (ontem, hoje e sempre) todos os brasileiros “é o melhor e mal não faz”, chamado carinhosamente de “pretão maravilha” (FARIAS, 2011).

Além de tantos atributos, a letra fala que enquanto os brasileiros saboreiam o feijão não se lembram de preconceitos, pois ele é capaz de juntar todas as pessoas, sem distinção de cor, raça ou gênero.

Todos esses aspectos revelam que o feijão-preto, pode ser relacionado a símbolos ideológicos, adquirindo determinada importância, transformando-se em

elemento de identificação social (formas de condutas, atitudes, valores, convicções e interações).

6.6 TÔ VOLTANDO (MPB, 1979) – MAURÍCIO TAPAJÓS / PAULO CÉSAR PINHEIRO - INTÉRPRETE SIMONE

Tô Voltando (1979)

Pode ir armando o coreto
E preparando aquele feijão preto
Eu tô voltando
Põe meia dúzia de Brahma pra gelar
Muda a roupa de cama
Eu tô voltando

Leva o chinelo pra sala de jantar
Que é lá mesmo que a mala eu vou largar
Quero te abraçar, pode se perfumar
Porque eu tô voltando

Dá uma geral, faz um bom defumador
Enche a casa de flor
Que eu tô voltando
Pega uma praia, aproveita, tá calor
Vai pegando uma cor
Que eu tô voltando
Faz um cabelo bonito pra eu notar
Que eu só quero mesmo é despentear

Quero te agarrar
Pode se preparar porque eu tô voltando
Põe pra tocar na vitrola aquele som
Estreia uma camisola
Eu tô voltando

Dá folga pra empregada
Manda a criançada pra casa da avó
Que eu tô voltando

Diz que eu só volto amanhã se alguém chamar
Telefone não deixa nem tocar
Quero lá, lá, lá, ia, porque eu tô voltando!

Composição: Maurício Tapajós / Paulo César Pinheiro.

A canção “Tô voltando” foi composta por Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro e difundida com a gravação feita pela cantora Simone, em 1979, no começo da anistia política, se referindo à vontade de um político banido, de retornar ao poder a fim de saborear aquele “feijão-preto” feito por seu amor, conforme pode ser lido nos trechos: “Pode ir armando o coreto / e preparando aquele feijão-preto, / eu tô voltando”.

O feijão-preto nesse contexto simboliza a saudade de casa, o ambiente de união familiar, reforçada nas palavras: “Quero te abraçar, pode se perfumar/ Porque eu tô voltando”, ou seja, a brasilidade que os exilados tanto esperavam encontrar novamente.

Observa-se que o feijão e a combinação feijão com arroz representam os hábitos e costumes alimentares que fazem parte do cotidiano do povo brasileiro, assim como a feijoada uma iguaria especial para os dias de comemorações, finais de semana, feriados ou reuniões familiares e com amigos, ou seja, um alimento especificamente social, já que é preparado em quantidade e realmente pode ser compartilhado por todos.

Segundo Faria (2009) os compositores da MPB fizeram uma investigação alimentar bem minuciosa dos costumes alimentares do povo brasileiro. O sentimento percebido é de que cantar sobre feijão, criou uma “tendência” na música popular brasileira dos anos de 1970.

Enfim, os resultados das análises musicais revelaram que, a expressão musical contida nos vocábulos e frases que compõem as letras das canções da MPB da década de 1970 demonstraram as ligações entre alimentação e nutrição, e os contextos históricos, culturais e socioeconômicos, carregando consigo, a identidade de grupos, seus desejos, desabafos, medos e conflitos de valores refletidos no cotidiano das minorias, dos trabalhadores, suas expectativas, apreensões, contribuindo para as transformações sociais, econômicas e políticas que ocorreram ao longo dos anos.

A impressão que se tem é de que cantar sobre feijão-preto, feijão com arroz e feijoada virou “hábito” na MPB dos anos 1970.

7 DISCUSSÃO

A temática feijão/feijoada foi o ponto de partida da análise das canções que funcionaram como referencial teórico e crítico que permitiu ampliar o espaço de percepção desta monografia. Portanto, com base nas pesquisas literárias e associações metodológicas com os pensadores Durkheim, Weber e Marx, este tópico apresenta a discussão das canções analisadas, sob as perspectivas filosófica, social e cultural.

7.1 ANÁLISE SOCIOCULTURAL DAS CANÇÕES SOB AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS DE MARX, DURKHEIM E WEBER

Na canção Construção, é possível observar o emprego de um gênero musical conhecido como “canção dos anos de chumbo”, diante do seu lançamento em um momento de excessiva violência imposta pela ditadura militar, no período de 1969 a 1974, segundo Napolitano (2010). Nesse momento, o feijão e a mistura feijão com arroz surgem como principal alimento do dia a dia do operário brasileiro explorado, rebaixado espiritual e corporalmente a um estado mecânico, ou seja, reduzido de homem a uma ação absorta e a um estômago (comer para sobreviver). Para Marx, o alimento, assim como o ato de respirar, beber, descansar é necessidades materiais fundamentais de todo e qualquer trabalhador independentemente, o que o diferencia é a sua noção de classe social. Segundo o teórico, comer faz parte da natureza de um animal e nessa ação o indivíduo está o mais perto da sua essência, ou seja, de quem é ou deveria ser (CARNEIRO, 2005). Já para Durkheim, esse hábito de comer feijão e a mistura feijão com arroz se baseia em uma “coesão social que pode ser entendida como o grau de interação social, ou seja, o senso de união por um propósito comum em uma sociedade, e a sua noção de pertencer a um lugar” (RODRIGUES E FERNANDES, 1984, p. 68) e que, conforme Weber “está entrelaçada em redes de significados, pois o feijão não só é o ingrediente como o símbolo que define a posição que cada indivíduo ocupa na estrutura da sociedade” (WEBER *apud* COHN, 1982, p. 89). É uma classificação que preserva culturalmente as relações, as oportunidades e os papéis sociais.

O mesmo pode ser observado na canção “Saco de Feijão”, de Beth Carvalho, composta em um clima de recessão econômica crítico, enfraquecendo o poder

político, causando grandes movimentos dos grupos populares. A letra reflete o cotidiano de um povo trabalhador e suas expectativas e conflitos, diante da defasagem dos reajustes salariais, altas taxas de desemprego, inflação e endividamento externo. No âmbito social, aumento das desigualdades de renda e da pobreza. Nesse momento, apesar de muito trabalhar, o trabalhador fica distante dos bens que ele mesmo produz. Este indivíduo se mostra vazio e descaracterizado da própria essência, fenômeno que Marx denomina de “teoria de alienação”. O feijão nesse sentido representa o alimento de cada dia, que não pode faltar à mesa da família brasileira em um período de incertezas. O homem trabalha para prover o alimento.

Marx explica que a cultura alimentar está fundamentada em uma lógica de mercado (econômica), pela qual os homens constroem relações, imprescindíveis, independentes da sua vontade. Cada uma das camadas do proletariado tem uma ligação distinta com o capital, o risco, as gratificações e os valores, pois sua vida material é restrita, considerando o longo período histórico de luta de classes. O feijão é o alimento que representa a força e energia para uma nova jornada de trabalho, desse indivíduo exausto, cansado de tanto “pensar”, que é vítima do sistema capitalista, enquanto os meios de produção estão nas mãos de uma classe privilegiada da sociedade. Para Weber, nesse sentido, o feijão simboliza a saúde, a indignação, as alegrias e as tristezas, enfim, o reconhecimento de pertencimento de um grupo sofrido e desconsiderado.

No que diz respeito às canções: “Feijoada completa”, “Tô voltando” e “O preto que satisfaz”, que podem ser identificadas como “canção da abertura”, por terem sido compostas numa fase de “suavização” da ditadura militar no período de 1975 a 1982, o feijão, a mistura feijão com arroz e outras comidas e a feijoada se apresentam como o prato principal, dos dias de comemoração, de finais de semana ou de confraternização com os amigos e/ou familiares. Comer feijão ou feijoada nos sentidos de reunir, compartilhar e comemorar, para Durkheim se baseia em uma coerção (imposição) social, gerada pelo reforço da moral coletiva, ou seja, o fundamento da moral social para entender a sociedade. Funciona como um acordo essencial entre o Eu e o Outro. “Os princípios éticos nascem no âmago da sociedade, conectando-se totalmente às circunstâncias de vida social que vigoram em determinado tempo e espaço” (GIDDENS, 2005, p. 118).

Assim, para Durkheim, a sociedade pode ser entendida e considerada como uma coisa concreta. Os atos são sociais e as reações também são. Ainda segundo o sociólogo, a imposição social, provocada por meio do aspecto exterior e sujeição, e do fortalecimento da ética de grupo, é o sentido da moral social para entender a sociedade. As condutas alimentares neste sentido são construídas a partir da união e moral social.

Quanto à canção “No Pagode do Vavá”, o samba e o feijão participam da cultura brasileira e enquanto construções simbólicas são propagadas dentro de uma conjuntura sociocultural. A letra nos leva aos hábitos africanos nos quais o alimento não só é consumido para manter o funcionamento do organismo, mas, para preservar e propagar os costumes e memórias de um povo, tanto coletivas quanto individuais. Para Weber, comendo, carregamos a simbologia de nossas afeições, portanto, o reconhecimento de nossa própria história, da nossa cultura. Para o sociólogo, a cultura não é a comida em si, mas suas representações simbólicas, envolvendo uma infinidade de aspectos e de associações capazes de expressar e consolidar a posição de um agente social e suas relações diárias, ou seja, os critérios de escolha alimentar fazem com que o indivíduo seja aceito dentro de um determinado grupo social, estabelecendo a classe social da qual ele pertence, seu “status social”. Adicionado a isso, observa-se ainda, os conceitos de Durkheim, nos quais as refeições compartilhadas também criam um vínculo social, de pertencimento, a atitude de comer em grupo, define o homem como um ser cultural e participativo em um espaço social.

Enfim, analisando e discutindo as canções de protesto da década de 1970 sob as perspectivas de Marx, Durkheim e Weber, entende-se que a alimentação representa um elemento autêntico de interpretação social e de entendimento das ideias contidas no convívio em sociedade. O consumo do feijão-preto como alimento atua na solução de problemas e incentiva colaboração. Favorece o acolhimento e inclusões sociais, redução do preconceito e formação da identidade, pois o comer na perspectiva de Weber é um ato real/tangível de reunião tanto alimentos como de seus significados, repleto de trocas simbólicas, que abrange uma grandeza de aspectos, informações e de afinidades capazes de manifestar e estabelecer a posição social de um indivíduo em suas interações diárias. Na perspectiva de Durkheim, o alimento, no caso o feijão-preto, reforça a ideia de coerção social, onde a união se constrói conforme o que o coletivo pensa, faz ou compreende como certo,

para pertencer a um determinado grupo e, para Marx, que interpreta a sociedade a partir do mercado e do capital, o fator econômico interfere nos hábitos alimentares.

8 CONCLUSÕES

De acordo com as pesquisas realizadas para a confecção desta monografia, foi possível chegar às seguintes conclusões:

Observou-se que, investigar a cultura em um determinado contexto sócio histórico, sobretudo em espaços onde o feijão-preto ou a feijoada normalmente estão presentes, é de suma importância para compreender a alimentação como componente integrante da identidade de um grupo. No âmbito musical brasileiro da década de 1970, o consumo de feijão-preto, de feijão com arroz ou feijoada foi bastante abordado por vários artistas da MPB durante a Ditadura Militar, estabelecendo um gênero musical conhecido como “canção de protesto”, marcando um período em que a exclusão político-social e a fome era experimentada por grande parte dos trabalhadores desprovidos de alimentos nutritivos suficientes para manterem-se saudáveis.

Na análise das seis canções de protesto, constatou-se que, através da propagação dos vocábulos e frases que compõem suas letras, algumas propiciaram a difusão de costumes, valores e conceitos alimentares, que colaboraram para a formação de nossa identidade alimentar. Outras retrataram um cenário histórico brasileiro, apontando as condições de pobreza, violência e exploração do trabalhador brasileiro, determinando importantes espaços de identificação de minorias. Outras enaltecem o papel nutricional do feijão-preto como fonte de energia, vitaminas e proteínas imprescindíveis à formação e conservação do organismo, e sociocultural, pois esta iguaria constitui uma grandeza de efeitos simbólicos, pois é fonte de imaginário, expressões, significados e reproduções sociais ou de grupo. Portanto, consumindo o alimento, no caso o feijão-preto, o indivíduo está interagindo com o outro, compartilhando seus desejos, segredos, desabafos e problemas do cotidiano, suas perspectivas e medos. Está ainda, determinando uma posição social e adquirindo uma sensação de pertencimento a um grupo, pois o ato de se alimentar favorece o acolhimento, a inclusão social e a formação de uma identidade.

Quanto às perspectivas filosóficas e sociais de Marx, o consumo do feijão-preto pode ser explicado pela lógica do mercado e do capital, onde o fator econômico interfere nos hábitos alimentares. Através das ideias de Durkheim, é possível estabelecer paralelos entre as condutas alimentares, pois as mesmas são

construídas socialmente, ou seja, o feijão-preto reforça a ideia de coesão social (união formada de acordo com o que o coletivo pensa, faz ou entende como correto), para pertencer a um grupo e, segundo Weber, a comida, no caso o feijão-preto é um ato palpável de reunião tanto de alimentos como de seus significados, repleto de trocas simbólicas, que abrange uma grandeza de aspectos, informações e de relações capazes de manifestar e estabelecer o *status* social de um indivíduo em suas interações diárias.

Concluiu-se, por fim, que a presença do feijão-preto na música popular brasileira é capaz de difundir valores, ideias e costumes alimentares, pois o alimento possui uma carga simbólica muito mais eficaz por intermediar as interações sociais entre os indivíduos, resultando em novos papéis sociais e novos relacionamentos entre grupos, estabelecendo elementos identitários (aspectos físicos, culturais e geográficos), colaborando para a formação da identidade alimentar brasileira.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Elaine de. **Alimentação, sociedade e cultura: temas contemporâneos**. Sociologias, Porto Alegre, ano 19, no 44, jan/abr 2017, p. 276-307. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/soc/a/jZ4t5bjvQVqqXdNYn9jYQgL/?lang=pt>>. Acesso em: 28 jun. 2021.
- BARBOSA, Lívia. **Feijão com arroz, arroz com feijão: O Brasil no prato dos brasileiros**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 87-116, jul/dez. 2007.
- BIBLIOTECA NACIONAL. **Música e arquivo sonoro**. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/explore/acervos/musica-arquivo-sonoro>>. Acesso em: 27 jul. 2022.
- BOURDIEU, Pierre. **Capital simbólico e classes sociais**. São Paulo: Novos Estudos, 2013.
- CARLOS, Juliana de Oliveira. A anistia e a luta pelos direitos humanos no Brasil. **Cadernos AEL (Arquivo Edgard Leuenroth)**. V. 13, n. 24-25, p. 169-205, 2008.
- CARNEIRO, Henrique S. Comida e sociedade: significados sociais na história da alimentação. **História: Questões & Debates**, v.42, n.1, p.71-80, 2005.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Alimentação no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 2007.
- CHAVES, Guta; ANHESINI, Cinthia. **Ingredientes do Brasil**. São Paulo: Academia Brasileira de Arte, Cultura e História, 2014.
- CONTRERAS, Jesús; GRACIA, Mabel. **Alimentação, sociedade e cultura**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FARIA, Durval L. de. A natureza, as canções e a alma brasileira. **Psicologia Revisada**. São Paulo, vol. 18, n. 2, p. 189-201, 2009.

FARIAS, Geania Nogueira de. **As imagens discursivas do brasileiro nas canções Gonzaguinha**. (Dissertação) Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará – Fortaleza, CE, 2011.

FONTENELLE, Ana Lúcia. O samba e a culinária mineira: análise etnográfica de um samba de Toninho Geraes e Pulinho Rezende. **O gosto da música: 9º Encontro Internacional de Música e Mídia**. Universidade Federal do Acre, 2013.

GACHET, Gabriella Fernandes. **Comida e Samba: a feijoada no Cacique de Ramos** (Dissertação) Pós-graduação em Nutrição, Instituto de Nutrição Josué de Castro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas** Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 13-41.

GIDDENS, Anthony. **Capitalismo e moderna teoria social**. Barcarena: Editorial Presença, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

IMS – INSTITUTO MOREIRA SALES. Disponível em: <ims.com.br/acervos/pesquise-nos-acervos/>. Acesso em: 28 jul. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Pesquisa de Orçamentos Familiares - POF 2008-2009: aquisição alimentar domiciliar per capita**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

JORGE, Karoline; SPINELLI, M. G. N; avaliação do consumo de arroz e feijão em uma unidade de ensino no município de São Paulo. **Revista Univap**. São José dos Campos-SP-Brasil, v. 20, n. 36, dez. 2014. ISSN 2237-1753.

JORNAL DA GENTE. **Sábado tem feijoada**. (28/09/2018). Disponível em: <<http://jornaldagente.tudoeste.com.br/2008/09/28/sbado-tem-feijoada/>>. Acesso em 12 jul. 2021.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnica de pesquisa**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MÚSICA NO BRASIL DA DITADURA. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/musica-brasil-da-ditadura/>>. Acesso em: 01 ago. 2021.

NAPOLITANO, Marcos. MPB: a trilha sonora da abertura política (1975/1982). **Estudos Avançados**. V. 24, n. 69, p. 389-402, 2010.

O FEIJÃO PRETO DE CADA DIA. (29/08/2012). Disponível em: <<https://foodrecipesyumi.blogspot.com/2012/08/o-feijao-preto-de-cada-dia.html>>. Acesso em: 18 jul. 2021.

PACHECO, Sandra S M. **O hábito alimentar enquanto comportamento culturalmente produzido**. In OLIVEIRA, Nilce de (org). Escritas e Narrativas sobre alimentação e cultura. Salvador: Edufba, 2008.

PEREIRA, Pedro Antônio Arraes; SOUZA, Cláudia Regina Batista de. Tipos de Faseolina em Raças "crioulas" de feijão no Brasil. **Pesq. Agropec.**, Brasília, 27(8): 1.219-1.221, ago. 1992.

PINA, José Augusto. A música popular brasileira na construção do conhecimento em Saúde Pública: o tema processo de trabalho e saúde. **Interface**; Botucatu. 18(48), p. 87-100, 2014.

PORTAL SÃO FRANCISCO. **Feijão**. Disponível em: <<https://www.portalsaofrancisco.com.br/alimentos/feijao>>. Acesso em: 22 jul. 2021.

RAMOS, Larissa Ivo; LIMA, Ícaro Santana. Narrativas do Feijão Histórias sobre o Grão de Preferência Nacional. **ANAIS** – 21^a SEMOC, Salvador, 22 a 26 de outubro de 2018 | ISSN 2448-1858 | 294.

RODRIGUES, José A.; FERNANDES, Florestan. **Durkheim – Sociologia**. São Paulo: Ática, 1984.

SANCHEZ, Giovana. Feijoada teve origem no século XIX com base em cozido feito por portugueses. **PORTAL G1**, 26 jun. 2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL1197792-16107,00-FEIJOADA+TEVE+ORIGEM+NO+SECULO+XIX+COM+BASE+EM+COZIDO+FEIT+O+POR+PORTUGUESES.html>>. Acesso em: 28 jun. 2021.

SANTOS, Carlos R. Antunes dos. Era Só Feijão, Feijão... O Consumo Diferenciado do Feijão no Brasil. **Revista Super Interessante**, nº 204. São Paulo, 2004.

SPINELLI, Mônica Glória Neumann. Leguminosas. In: ABREU, Edeli Simioni; SPINELLI, Mônica Glória Neumann. **Seleção e preparo de alimentos: gastronomia e nutrição**. São Paulo: Metha, 2014.

STEFANUTTI, Paola; KLAUCK, Samuel; GREGORY, Valdir. Reflexões para uma abordagem alimentar: sociedade, cultura e fronteiras. **Demetra: alimentação, nutrição & saúde**, 2018; 13(3); 519-533. Disponível em: DOI: 10.12957/demetra.2018.31183.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011.

VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de; VASCONCELOS Mariana Perrelli; VASCONCELOS, Iris Helena Guedes de. Fome, comida e bebida na música popular

brasileira: um breve ensaio. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.22, n.3, jul.-set. 2015, p. 723-741.

WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais. In: COHN, Gabriel (Org.). **Max Weber: Sociologia**. Tradução de Amélia Cohn e Gabriel Cohn. 2 Ed. São Paulo: Ática, 1982, p. 79-127.